mudar substancialmente essa política. Defender a eliminação total dos subsídios europeus significa impedir o Brasil de apoiar seus agricultores.

Eu não consigo me opor à multifuncionalidade agrícola, conceito tão caro para os europeus nas discussões da OMC. Já os subsídios às exportações devem ser combatidos fortemente, pois esses deformam os mercados mundiais e punem países como o Brasil.

Mas não compartilho dessa perigosa unanimidade contra o protecionismo agrícola europeu. Parece desculpa para os nossos erros de política interna.

Exagera quem coloca a UE como adversária principal da agricultura brasileira. Os maiores desafios para ampliar o comércio internacional dos agronegócios reside aqui no Brasil. Está faltando mesmo é uma Rodada do Milênio brasileira.

Xico Graziano é deputado federal pelo PSDB de São Paulo.

Setor maduro

O agronegócio paulista/brasileiro estava pronto para dizer a que vinha na reunião de Seattle

JOÃOCARLOSDESOUZAMEIRELLES

A dimensão das expectativas originais do agronegócio paulista e do brasileiro para a reunião de Seattle é dada por números: 40% das exportações brasileiras provêm de produtos do agronegócio, que até novembro de 1999 somaram US$17,9 bilhões, enquanto as importações do setor ficavam em US$5,9 bilhões, garantindo superávit de US$12 bilhões.

Aperfeiçoar o comércio

O agronegócio, com suas exportações, é a fronteira mais viável para gerar trabalho e emprego, renda e receita no Brasil para os próximos anos. Para ampliar sua faixa no mercado mundial, que movimenta US$5,4 trilhões por ano, o Brasil precisa aperfeiçoar seu comércio.

Por isso o setor, que se apresentou razoavelmente organizado em Seattle, preparava-se para isso nos encontros do Mercosul e especialmente do Grupo de Cairns, desde 1998.

O agronegócio do Brasil procurou privilegiar convergências, não acentuar divergências. Por isso foi proveitosa a presença, na reunião do Grupo de Cairns em Buenos Aires, do secretário americano de Agricultura, Dan Glickman.

A expectativa geral ficou, assim, centrada na definição de uma agenda possível, em que se incluem:

- cronograma para redução/eliminação progressiva de subsídios à exportação de produtos do agronegócio;
- exclusão progressiva de itens de deformação comercial, com maior impacto nas economias de países chamados agrícolas;
- redução/eliminação de subsídios ao mercado interno de países desenvolvidos;
- redução/eliminação de regimes de tarifação e cotas no mercado de produtos agrícolas.

São esses também os temas que, do ponto de vista do agronegócio paulista e brasileiro, devem ser prioritários na retomada das negociações do Acordo Agrícola, marcada para janeiro em Genebra, pela OMC.

O agronegócio, com suas exportações, é a fronteira mais viável para gerar trabalho e emprego, renda e receita no Brasil para os próximos anos.

Certificação já

Podemos reagir ao resultado da reunião da OMC em Seattle, em primeiro lugar, não permitindo ou aceitando postergações na retomada das negociações agrícolas marcada para janeiro.

Diante do adiamento da Rodada do Milênio, por falta de definições na assembléia da OMC, considero extremamente urgentes dois pontos básicos: certificação de qualidade dos produtos do agronegócio e exploração de novos mercados



e nichos para novos produtos.

O Brasil precisa definir e organizar sistemas de normatização e certificação de qualidade capazes de inibir tentativas de utilização das condições sanitárias e fitossanitárias como barreiras comerciais por países importadores.

A internalização das decisões de órgãos de referência da OMC (ou seja, da Organização Internacional de Epizootias, do Codex Alimentarius e da Comissão Internacional de Proteção a Plantas) implica criar legislação e normatização para essa certificação da qualidade.

Isso começa a ser aprofundado em São Paulo, que aprovou em dezembro uma pioneira Lei de Defesa Vegetal e criou o sistema de qualidade de produtos do agronegócio, com o selo Produto de São Paulo.

Novos mercados

Como segunda parte da estratégia, cabe ao governo federal e à iniciativa privada um esforço vigoroso para detectar novos mercados importadores, fora das áreas escandalosamente protegidas e subsidiadas dos países desenvolvidos. Exemplos: países asiáticos e africanos, além de latino-americanos.

Também devem ser identificados e explorados nichos de mercado para produtos brasileiros não incluídos na pauta de exportação tradicional. Exemplo: carne de vitelo para a Europa, um programa em gestação no estado de São Paulo.

Para apoiar a iniciativa privada nesse esforço, o governo paulista está organizando uma Agência de Comércio Exterior para o Agronegócio Paulista, também pioneira, que funcionará como consultora e alavancadora de negócios.

João Carlos de Souza Meirelles é secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

O sucesso de Seattle

Seattle pode ter contribuído para aumentar a transparência da OMC, o que é um importante ganho

PEDRODECAMARGONETO

O resultado da reunião de Seattle não deve ser visto como fracasso. A ausência de um amplo acordo representa certamente atraso no início das negociações para a liberalização agrícola. Mas sejamos otimistas: pode até representar a possibilidade de um término melhor. Afinal, não se procura um acordo pelo simples mérito de chegar a ele – trabalha-se por um acordo que produza resultados concretos no comércio, não somente no papel.

Promessa adiada

O fim dos oito anos de negociações da Rodada Uruguai foi muito festejado, mas trouxe pouco ou nada de concreto. Outra comemoração desse tipo não nos serve. Seu principal mérito foi incluir formalmente a agricultura nas regras da OMC, preparando a instituição para uma futura liberalização. Seattle deveria ter sido o cumprimento dessa promessa, mas só deixou claro que a questão continua difícil de solucionar.

O principal embate em Seattle não foi agrícola, embora também na agricultura as divergências entre o Norte e o Sul, entre desenvolvidos e em desenvolvimento sejam cada dia mais explícitas. Protestou-se, dentro e fora da conferência, contra a falta de transparência da OMC, contra a ditadura do consenso tão bem administrada pelo Norte, contra a globalização unilateral dos desenvolvidos. Por motivos diametralmente diferentes, as manifestações de rua apoiavam a frustração do Sul. Os opostos se uniram em Seattle.

A ausência de lideranças competentes, o populismo eleitoreiro dos EUA e a complexidade de diversos temas ainda muito novos somaram-se como principais responsáveis pelo atraso na obtenção de um acordo que, acredito, ainda virá. Seattle pode ter representado uma chance maior de que no futuro esse acordo realmente se viabilize em progresso para o Sul.

Avanço mínimo mas avanço

O acordo agrícola progrediu em Seattle, até por ser o assunto trabalhado há mais tempo. Não acredito que tenha sido